

A EDUCAÇÃO DO CORPO EM DISCURSO: UMA RESENHA DE “A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CORPO: UMA ARQUEOLOGIA DA RACIONALIZAÇÃO INSTRUMENTAL DO CORPO, DA IDADE CLÁSSICA À ÉPOCA HIPERMODERNA”

Cahuane Corrêa

Universidade Federal do Paraná

cahuanecorrea@gmail.com

Envio original: 05-09-2022. Aceitar: 29-10-2022. Publicado: 09-10-2022.

A obra “A Instrumentalização do corpo: uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da Idade Clássica à época Hipermoderna”, é de autoria de Jacques Gleyse, professor da Universidade de Montpellier/França. Suas pesquisas concentram-se na relação entre a carne e verbo, no que tange à corporalidade. O livro foi lançado no ano de 2018 pela editora LiberArs, no entanto, a edição brasileira é um prolongamento de estudos lançados em 1997. Tal edição conta com um posfácio escrito pelo autor especialmente para a versão brasileira, que trata sobre a diminuição do homem frente às novas tecnologias que se inserem em seu corpo biológico. Além de nos brindar com uma bela apresentação escrita por Avelino Aldo de Lima Neto e um prefácio brilhantemente cunhado por Carmen Lúcia Soares, que dão ao livro uma erudição particular.

Com a intenção de tornar inteligível o “outro mundo” - o mundo do passado que ficou para trás – o autor pretende analisar e decifrar os fundamentos e rupturas que envolvem a relação entre o organismo e a máquina, desde meados do século XVI. Varrendo os seus desdobramentos sobre as práticas corporais e a educação do corpo. A partir de uma perspectiva arqueológica, enquanto uma história crítica do pensamento, como um típico seguidor de Michel Foucault, Gleyse “desembaraça” quatro séculos de isomorfismos que pairam nos discursos sobre o corpo, para demonstrar que este está em constante transformação. Busca examinar o processo de instrumentalização do corpo através da correlação entre a ordem das coisas e a ordem do discurso. Ele entende que há uma estreita relação entre técnica, ciência e práticas corporais (principalmente referentes à educação do corpo). Especialmente em relação às rupturas diacrônicas e continuidades sincrônicas, pois é nesse âmago que se encontra a base para a operacionalização do corpo. Tensiona discursos que afirmam ou negam a capacidade de modificação e construção do corpo pelo homem. Analisando e colocando em perspectiva os sistemas de crenças de cada período, se utilizando de interrogações, dúvidas, sínteses etc. Com isso, não nos apresenta uma verdade absoluta, ele tensiona, deixa dúvidas, demonstra contradições e apresenta certezas provisórias. Tudo isso para mostrar “o caminho” percorrido pelo

corpo durante quatro séculos. Nos apresentando com a possibilidade de pensar a trajetória do corpo e as faces e procedimentos da sua educação. Nesse caso, faz uma história comparada das técnicas de produção enquanto documentos arqueológicos e de conceitos científicos enquanto monumentos históricos.

Para conseguir responder as suas intenções, Jacques manipula um vasto conjunto de fontes, encontrado na Faculdade de Medicina de Montpellier. Opera narrativas de historiadores, filósofos, epistemólogos, artistas etc. que possuem em seus enunciados a preocupação com o corpo. Observando, a partir daí, a episteme em voga naquele momento histórico, revelando quais os discursos dominantes e os excluídos, de onde partiram e para onde foram, ou seja, realiza uma análise, de certa forma, conjuntural do objeto. As fontes são textos publicados sobre o corpo, ginástica, anatomia, higiene, fisiologia etc. Levando em consideração o conceito de lutas de representação cunhado por Bourdieu (1996), subentende-se que os textos analisados provinham de uma elite dominante, a partir de indivíduos autorizados a chamar-se de escritor, artista ou filósofo. Nesse sentido, embora o autor se assente, por vezes, em textos pouco explorados, a autoridade desses é inquestionável. Portanto, é louvável a diligência e cautela com a qualidade e o trato com as fontes que o autor emprega.

Ao colocar o corpo como peça central, o autor se utiliza de um referencial teórico (principalmente francês) robusto para teorizar o aparelhamento do corpo. Faz algo como uma “linha do tempo”, demonstrando de onde veio a teoria de dado pensador e a forma como ela evoluiu quando colocada em sua perspectiva. No entanto, sua análise não é linear, devido ao emaranhado de acontecimentos, teorizações e abordagens que permitem uma série de interferências e interrelações.

Com vistas a organizar e estruturar seu raciocínio, Gleyse divide o livro em seis partes, totalizando vinte capítulos. Cada uma das partes diz respeito a uma “fase” desse empreendimento, que se inicia na Idade Clássica e finaliza na época Hipermoderna. Todavia, para realizar o exame da obra na presente resenha é preferível dividi-la em somente duas partes, facilitando o entendimento do leitor. Como a linha de pensamento do autor não é linear, é mais adequado dividir o texto conforme a proximidade dos assuntos. Sendo assim, opta-se por decompor em: a arqueologia do discurso e os estratos do discurso da instrumentalização do corpo.

A primeira parte versa sobre a “arqueologia da arqueologia do discurso”, isto é, o autor busca compreender as condições de surgimento do discurso, correlacionando acontecimentos, enunciados, atores/sujeitos etc. a partir da premissa de uma concepção da técnica e da ciência, imbricadas com o enunciado sobre o corpo e sua operacionalização. Logo, o conceito de corpo deve seguir essa mesma ordem, conectado com as transformações materiais e tecnológicas utilizadas em determinada época. Magistralmente, Jacques constata que as técnicas internas ou externas à carne podem ser vistas como “discursos sem palavras”, que sofrem transformações conforme avançam as necessidades dos

indivíduos que as manipulam e conforme crescem as exigências de se dominar a natureza e o homem. Aponta e discute os elementos excluídos desse discurso.

Após perpassar pela genealogia da técnica, explicita a gênese da ciência a partir da teoria de vários autores clássicos, como Bacon, Vico, Kant, Comte, Marx, Nietzsche etc. Além de apresentar vários outros pesquisadores que contribuíram para a “evolução” do conhecimento, como Husserl, Koyré e Michel Foucault. Conclui delimitando duas “épocas da ciência”: o fisicalismo e positivismo com Comte e o experimentalismo e biologismo com Bernard e Darwin.

Além do mais, ao começar a compreender a arqueologia do conhecimento, acaba esbarrando nas primeiras manifestações de ginástica. A ginástica racional surge como forma de educação do corpo e como a primeira manifestação de operacionalização do movimento humano, gerando um corpo que deixa de receber a ação e passa a produzi-la.

Ao detectar o “surgimento” da ginástica, Jacques dá início à segunda parte da obra. Nesse momento se faz necessário compreender a forma como Gleyse estruturou sua racionalidade. Portanto, para percorrer os processos que envolveram a instrumentalização do corpo, o autor identifica quatro estratos do discurso. O primeiro provém da Idade Clássica, onde tudo era feito e transformado pelo criador (Deus). Paulatinamente essa imagem se altera, ao ponto que é possível entender o corpo como objeto manipulável, sujeito à fabricação. Aqui o autor desvela a episteme do aparelhamento do corpo em relação às técnicas inseridas nele, são elas que fundamentam toda a base analítica do texto. O corpo ao mesmo tempo que era divino, era natural, porque se apresentava com um objeto a ser racionalizado. No entanto, tem-se a noção de que o homem não é totalmente fabricado, ele continua, em partes, obra da natureza.

O segundo estrato identificado é o fim da Idade Clássica e a transição para a modernidade, momento em que o homem ainda é concebido por Deus, mas seu corpo passa a ser regido pelo homem e pelo princípio vital. É o tempo da manufatura, que domina o campo epistêmico e a *práxis*. O corpo começa a ser moldado pela mão do homem, modificado pela técnica, que racionaliza e domina a natureza corporal. Nessa racionalidade as contribuições de Borelli assumem o papel central, dado que o apresenta a partir das leis da mecânica, com sistemas de alavancas, vetores de força, centros de gravidade e ângulos. Ele pode ser calculado, medido, quantificado.

A educação do corpo ganha a ideia de se estabelecer um padrão corporal. O corpo ideal é expresso em termos de *habitus* de classe e distinção. Agora a ideia de retidão e do corpo ereto invadem a ordem do discurso, o controle da natureza passa a ser primordial. O que faz solo fértil para a ascensão da ginástica como um meio de educação corporal. O exercício físico passa a ser dosado e prescrito, com forte associação à saúde, permitindo que o discurso médico adentre o corpo com um viés

educativo. Percebe-se, então, que essa instrumentalização tem tripla transcendência: a primeira tem relação com a visão higiênica/saúde, a segunda provém do social, com a ideia de um corpo capaz de adaptação e a última se conecta a propedêutica, voltada ao desenvolvimento do espírito e da inteligência.

Gradativamente a concepção de corpo também se transforma, o aristocrata ocioso dá lugar ao burguês ativo, livre, dinâmico, trabalhador. Tudo deve garantir a fluidez do corpo, caracterizando uma sociedade do movimento. A partir dessa nova racionalidade energética, o movimento é saúde. O corpo deixa de ser sistema de força, vetores e alavancas e passa a ser um complexo energético, dentro da lógica do movimento e trabalho. Com a promoção da lógica fabril, abre-se espaço para se adentrar ao terceiro estrato elencado pelo autor.

A terceira ordem do discurso pega carona com a Revolução Francesa (modernidade). Deus sai completamente do foco e o homem passa a ser o centro, o corpo agora é regulado pela termodinâmica, com a energia e o rendimento como elementos basilares. O que favorece novas racionalidades relacionadas à lógica fabril e produtiva, oportunizando a abnegação, esforço e controle de si. O aparelhamento do corpo está associado à precisão, regularidade, rendimento e industrialização do corpo, em uma dialética de racionalização. Desse modo, os pilares da modernidade se assentam na precisão, docilidade e energia, isto é, da dominação da natureza, do valor supremo do indivíduo, do governo, da opinião pública e dos progressos da razão.

A Educação Física escolar também se beneficia desse discurso, uma vez que a educação desses corpos inseridos nessa mentalidade deve acontecer desde a tenra infância, para reduzir o número de corpos dissidentes e aumentar a força produtiva. O controle do corpo e do movimento tornam-se as últimas manifestações da instrumentalização racional do corpo, em razão de que no século XX ela passa a ser a superação dos limites naturais.

A última fase da instrumentalização do corpo é o que o autor convencionou chamar de hipermodernidade, dado que ocorre a hipertrofia dos ideais axiológicos da modernidade. Essa fase se inicia após a revolução de 1968, que desencadeou profundas mudanças na sociedade. Os procedimentos de instrumentalização do corpo se individualizam e se virtualizam. O virtual toma o lugar da termodinâmica, da máquina a vapor e do energético na ordem do discurso. O corpo é regularizado, passando a se enquadrar em regras e normas impostas, sendo submetido desde cedo ao ordenamento tecnicista. A corporalidade tolerada é retilínea, jovem, produtiva e enérgica, impreterivelmente modificada pela tecnociência.

Gleyse, ainda, identifica duas regras de construção da ordem do discurso: a primeira recai na noção de regularização do corpo e do mundo, que se fixa na Idade Clássica. Momento em que se exclui discursos dissidentes, aqueles irregulares, caóticos, originais etc. Tensiona construir/fabricar um corpo

regularizado, artificializado. Essa regularização provém da tecnociência, que determina o homem perfeito, puro. Um objeto do seu próprio poder de criação. A segunda noção resulta da crença racional. Um sistema de crença que se estabelece a partir de um núcleo central forte, como Deus para a Idade Clássica, a retidão do corpo no século das luzes e a termodinâmica na modernidade. Isto é, são esses pontos que organizam o sistema de crenças, a partir deles se estabelecem os processos de exclusão dos discursos.

Então, ao adentrar a fundo a operacionalização do corpo, podemos observar que está intimamente ligada ao discurso de educação do corpo. Visto que as transformações e silenciamentos convergem para um enunciado de retidão, controle, fabricação e modificação do corpo. Todos esses elementos só são possíveis a partir de um processo rígido e intenso de educação da gestualidade e da maneira como esse corpo irá se apresentar perante os pares. Portanto, a instrumentalização do corpo se manifesta a partir da mentalidade em que está inserida, isto é, ela externaliza os anseios e necessidades da sociedade que expressa.

Vale ressaltar a erudição do autor em captar nuances e detalhes que poucos são capazes ao analisar discursos multivetoriais, isto é, discursos que diferem em forma, direção e grandeza. Ele foi capaz de detectar sensibilidades escondidas no íntimo de teorias complexas. Além de encontrar discursos sobre o corpo em lugares pouco explorados anteriormente ou onde aparentemente não se poderia encontrar. Logo, trata-se de uma obra com uma proposta ousada, já que se propõe a analisar quatro séculos. Entretanto, o autor demonstra sua incrível capacidade de ponderar a heterogeneidade dos discursos que envolvem o corpo e repassar aos leitores de forma concisa e fluída.

Ao concluir sua teoria na década de 1990, Gleyse não levou em consideração as reverberações em que o rápido avanço da tecnologia podia incorrer nas noções de corpo. Por isso, ao lançar a edição brasileira ele viu a oportunidade de avançar em sua tese. No posfácio pôde ensaiar sobre a carne décadas depois de sua primeira incursão, percebendo certo apagamento do corpo ou a diminuição do homem, conforme diz. Nesse ensaio o autor aponta que a medida em que a tecnologia se insere no cotidiano e nos corpos dos indivíduos, há um apagamento do biológico, pois suas partes e funções acabam sendo substituídas pela tecnociência, com vistas à melhoria do rendimento corporal. Considera a expressão “homem aumentado” um erro teórico, pois não há o aumento do homem em relação ao corpo, mas sim do artificial.

No campo do esporte analisa que a tecnologia se inseriu e deu melhores condições aos atletas. Porém, observa que o corpo não evoluiu demasiadamente, já que os resultados não são tão expressivos ao levar em consideração toda a técnica que envolve o esporte hodierno, pois mesmo com condições bruscamente melhores e com o processo de seleção precoce, o corpo não foi capaz de evoluir e atingir resultados convincentes. O que demonstra a sua diminuição.

Contudo, permito-me discordar dessa visão, visto que não vejo um homem diminuído e nem o seu corpo aumentado, no que diz respeito ao avanço do biológico. O que vejo é o aumento do homem em relação a preocupação com o corpo, ou seja, o corpo é aumentado devido ao interesse em melhorar a performance, a saúde e a expectativa de vida. Nisso, pode-se notar certo triunfo do corpo, ele é colocado em evidência, por mais que seja modificado e substituído pela tecnociência, ele nunca foi tão grande. Levando em consideração o discurso apregoado por Sibilía (2002), Andrieu (2004), Ortega (2008), Couto (2012), Le Breton (2013) e Perera (2017), percebe-se um mundo norteado pelo ideal de atividade e mobilidade, de um intenso cuidado com o corpo, aparência e busca pela juventude e boa forma. Tudo isso é possibilitado pela tecnologia. Consequentemente, a evidência da carne é conspícua, pois se a intensão é melhorá-la, evidentemente, o discurso e a preocupação sobre ela aumentam.

Referências

- ANDRIEU, B. (2004). **A nova filosofia do corpo**. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOURDIEU, P. (1996). *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*: São Paulo. **Companhia das Letras**.
- COUTO, E. S. (2012). As façanhas dos extremos: O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, p. 161-185.
- GLEYSE, J. (2018). **A instrumentalização do corpo**: uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da idade clássica à época hipermoderna. São Paulo, SP: LiberArs.
- LE BRETON, D. (2013). **Adeus ao Corpo**: Antropologia e sociedade. Tradução de Mariana Appenzeller. 6 ed. Campinas, SP: Papirus.
- ORTEGA, F. (2008). **O corpo Incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond.
- PERERA, É. (2017). **Emprise de poids**: Initiation au body-building. Paris: L'Harmattan.
- SIBILIA, P. (2002) **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.